



A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: Um olhar Sociolinguísta no atendimento aos Surdos em Escola Pública de Guajará-Mirim e Porto Velho

Ednéia Bento de Souza Fernandes¹
Caroline Reis dos Santos²
Daiany Furtado de Lima³
Suziane Viriato de Araújo⁴

RESUMO

A inclusão de surdos compreende uma troca simbólica de elementos políticos e sociais imperativos ao desenvolvimento dos alunos surdos e ao fortalecimento identitário das comunidades surdas tendo em vista que a LIBRAS vem ganhando força e visibilidade nacional. Este trabalho procura efetuar uma análise sociolinguística a partir de observações que retrataram a rotina no atendimento de atividades comunicacionais na educação de surdos obtidas em uma escola pública de Guajará-Mirim-RO. Admitindo-se haver preeminência de marcadores linguísticos que destacam de modo positivo a presença dos surdos na escola regular é preciso abranger situacionalidade deste aluno em relação à língua de sinais no contexto educacional em comparação com outro contexto oferecido em salas de aula bilíngue para surdos na cidade de Porto Velho-RO. A pesquisa foi realizada com dois grupos de acadêmicos surdos, moradores das respectivas cidades: Porto Velho e Guajará-Mirim, no período dos estágios de observação e regência. Fizemos nossas análises com base nas teorias de Foucault (2015), Góes (1996), Skliar (1999 e 2005) e Quadros (2006) e no campo da sociolinguística Louis-Jean Calvet (2002). Na escola inclusiva pesquisa revelou que o sentimento de inclusão é uma meta não atingida na vida dos alunos, pois os surdos em sua maioria são filhos de pais ouvintes que não sabem LIBRAS fato que acarreta atraso de aquisição da Língua de Sinais. Esse fato sobrecarrega tanto o Intérprete quanto o professor (não fluentes em LIBRAS), que para realizar suas atribuições utilizam o tempo da aula para ensinar os sinais e explicar seus respectivos conceitos. Nas salas de aula bilíngue a Libras é a língua de interação, instrução e comunicação utilizada por professores surdos e ouvintes, já na educação inclusiva há carência de valorização não apenas da LIBRAS, mas principalmente do sujeito Surdo tendo em vista que existe o aluno surdos e a ausência do professor surdo.

¹ Tradutora e Intérprete de Libras na Universidade Federal de Rondônia- Guajará-Mirim, graduada em História e em Letras Libras e Mestre em Letras. Doutoranda do Curso de Linguística PPGL UNEMAT. E-mail: edneia.fernandes@unir.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia e Especialista em Tradução e Interpretação de Libras. Bolsista Tradutora e Intérprete de Libras/UNIR. Email: carolinereisnorb@gmail.com

³ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia - Guajará-Mirim.

⁴ Graduada em Letras-português pela Universidade Federal de Rondônia – Guajará-Mirim.

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

Palavras-chave: Educação de Surdos. Sociolinguística. Bilinguismo. Inclusão de surdos

Resumen

La inclusión de las personas sordas comprende un intercambio simbólico de elementos políticos y sociales imprescindibles para el desarrollo de los estudiantes sordos y el fortalecimiento de la identidad de las comunidades sordas, teniendo en cuenta que LIBRAS ha ido cobrando fuerza y visibilidad nacional. Este trabajo busca realizar un análisis sociolingüístico a partir de observaciones que retratan la rutina en la atención a las actividades de comunicación en la educación de sordos obtenidos en una escuela pública de Guajará-Mirim-RO. Admitiendo que existe una preeminencia de marcadores lingüísticos que destacan positivamente la presencia de personas sordas en las escuelas regulares, es necesario abarcar la situación de este alumno en relación a la lengua de signos en el contexto educativo en comparación con otro contexto que se ofrece en las aulas bilingües para los sordos en la ciudad de Porto Velho-RO. La investigación fue realizada con dos grupos de acadmicos sordos, residentes en los respectivos municipios: Porto Velho y Guajará-Mirim, durante las etapas de observación y conducción. Realizamos nuestros análisis basándonos en las teorías de Foucault (2015), Góes (1996), Skliar (1999 y 2005) y Quadros (2006) y en el campo de la sociolingüística Louis-Jean Calvet (2002). En la escuela inclusiva, la investigación reveló que el sentimiento de inclusión es una meta no alcanzada en la vida de los estudiantes, ya que la mayoría de las personas sordas son hijos de padres oyentes que no saben LIBRAS, hecho que conlleva un retraso en la adquisición de Lenguaje de señas. Este hecho sobrecarga tanto al Intérprete como al docente (que no domina LIBRAS), quienes para el ejercicio de sus atribuciones utilizan el tiempo de clase para enseñar los signos y explicar sus respectivos conceptos. En las aulas bilingües, Libras es el lenguaje de interacción, instrucción y comunicación que utilizan los docentes sordos y oyentes, mientras que en la educación inclusiva hay una falta de valoración no solo de LIBRAS, sino principalmente del sujeto Sordo, considerando que hay sordos y sordos. alumnos la ausencia del profesor sordo.

Palabras clave: Educación para Sordos. Sociolingüística. Bilingüismo. Inclusión de sordos

Introduo

A educao de Surdos vem se apresentando nos últimos anos enquanto fronteira pela coexistncia de fatores antagónicos: a obrigao de oferecer a educao bilíngue através de dispositivos legais para a implantao de educao bilíngue para surdos previstos da lei 14.191 publicada no más de agosto de 2021 que insere a educao bilíngue na lei de diretrizes e bases da educao nacional e a falta de profissionais capacitados para o atendimento dessa demanda. Esse problema revela uma fronteira que ao mesmo tempo se

Revista Culturas & Fronteiras - Volume 8. N 1 - Julho/2023

Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas - GEIFA /UNIR

Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/culturaefronteiras/index>

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

apresenta enquanto possibilidade de mudança também gera uma extensa pauta de debates entre autoridades, educadores e comunidade surda acerca do melhor método de ensino para os alunos surdos.

A Escola é que nos permite perceber dois discursos emergirem caracterizando posturas antagônicas com relação à aceitação do sujeito surdo, compreensão de sua cultura e língua e da sua forma de apreender e expressar o mundo. Este trabalho procura efetuar uma análise sociolinguística a partir de observações que retrataram a rotina no atendimento de atividades comunicacionais na educação de surdos obtidas em uma escola pública de Guajará-Mirim-RO. Admitindo-se haver preeminência de marcadores linguísticos que destacam de modo positivo a presença dos surdos na escola regular é preciso abranger situacionalidade deste aluno em relação à língua de sinais no contexto educacional em comparação com outro contexto oferecido em salas de aula bilíngue para surdos na cidade de Porto Velho-RO.

Esse artigo é fruto de relatório de estágio de acadêmicos surdos em suas respectivas cidades analisando as realidades do seu lugar de atuação enquanto estagiário. A ideia desta pesquisa comparativa deu-se em virtude de as autoras estarem atuando ou em vias de atuação profissional nesta esfera da educação. Outra justificativa é que uma das autoras tem experiência de educacional nesta área e também convivência e militância na comunidade surda de Porto Velho, de modo que esta comparação busca trazer para Guajará-Mirim um parâmetro para buscar a melhoria na educação oferecida aos surdos e a valorização dos professores surdos da cidade. Nas duas cidades foram observados o cotidiano escolar dos surdos quanto a comunicabilidade e sua relação com a Libras.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa procedeu de análise de relatórios de observação de estagiários surdos dos cursos de graduação da Universidade Federal de Rondônia. A realidade observada foi salas de aula e interação social dos surdos nas turmas do 6º ao 9º ano na Escola Estadual inclusiva de Porto Velho onde atende surdos em salas de aula bilíngue e a outra Escola Estadual inclusiva

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

atende os alunos surdos são atendidos na modalidade regular de ensino em Guajará-Mirim. Diante destas duas realidades de atendimentos aos surdos deu-se um estudo comparativo sobre os contextos comunicacionais entre surdos e ouvintes e a relação dos surdos com a Libras.

O objetivo desse trabalho é refletir sobre o ensino bilíngue e a inclusão na rede regular à luz de estudos Sociolinguístas e inserir nos debates já existentes reflexões que abordem as vantagens e prejuízos e avanços advindos na vida de alunos surdos inseridos nas respectivas experiências educacionais.

Este não é um postulado político em prol de uma ou outra metodologia ou modalidade de ensino. O esforço representa a abertura demonstrativa da necessidade dialógica das duas realidades com vistas a traçar uma visão politizada e motivada pelos estudos sobre a fronteira entre a legislação e a realidade vivida através da lente da Sociolinguística no sentido de compreender as dificuldades sem esconder o mascaramento do preconceito existente no processo educacional operado historicamente pelas instituições sociais como a família, igreja, escola e hospitais com relação ao surdo.

As experiências históricas de exclusão social são constantemente reatualizadas no contexto familiar, social e escolar criando resistência à aceitação do Surdo enquanto sujeito, desprestigiando seu instrumento de comunicação que é sua Língua, negando-lhe a possibilidade da criação de estratégias de ensino-aprendizagem que dialoguem com a Cultura Surda. Transformando-o num estrangeiro dentro do espaço nacional a que pertence, mas que não lhe atende em seus direitos.

O objeto da Sociolinguística

A expressão Sociolinguística surge em 1949 dentro da Linguística com a proposta de pensar aspectos sociais envolvendo contextos da língua e da fala que surgiram a partir do livro Curso de Linguística Geral de Saussure (1916) nessa obra foi desenvolvida a teoria dos signos linguísticos privilegiando a Língua nos fatos da Linguagem através de estudo sincrônico.

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

Na sucessão dessa obra surgiram linguistas que a partir da corrente saussuriana desenvolveram suas próprias linhas de pesquisa como é o caso de Antoine Meillet discordante do método utilizado pelo mestre propôs-se a tarefa de fundar uma Linguística Geral de base sociológica. No seu entender, “le langage est éminemment un fait social”. (Elia, 1987, p 18). Meillet chegou a conceber sua contribuição como uma visão sociológica da linguagem humana.

Para Fishman, a parte descritiva da sociologia da linguagem tem por objeto não a língua em si mesma, mas a língua em relação com os personagens do ato da fala, locutor e receptor. Já na sua parte dinâmica a sociologia da linguagem se ocupa com as mudanças que a organização social do uso linguístico sofre através dos tempos. Contudo não há nenhuma distinção entre Sociologia da linguagem e Sociolinguística. (Elia, 1987, p.20).

Nesse movimento de debates internos, muitas outras linhas teóricas preocupadas com as relações sociais no da linguística dedicando-se a estudar as variações linguísticas, línguas em contato, os preconceitos linguísticos e temas que relacionem Língua e comunidade.

Elegemos a ótica sociolinguista para pensar a relação entre ouvintes e surdos no espaço escolar abordando dois ambientes educacionais em cidades diferentes e com características peculiares a fim de analisar como esses territórios exteriorizam a relação de contato entre os Surdos que se comunicam por línguas gestuais e visuais. Nosso objetivo é captar e abstrair os conflitos, sucessos e as angústias advindas no contexto comunicacional e dos surdos em relação com a língua de sinais no espaço de aprendizado. Este estudo pretende ser um elemento a mais para enriquecer os diálogos entre Comunidade Surda, professores surdos e ouvintes e autoridades educacionais no sentido de dar suporte científico, econômico e político para que as políticas educacionais em prol dos surdos sejam fortalecidas.

Priorizar ao aluno surdo direito ao intérprete educacional é um passo inicial, mas, ainda distante daqueles que precisamos dar rumo à autoafirmação cultural e identitária do surdo enquanto integrante de uma comunidade linguística, para que ambos, surdos e ouvintes, percebam que não se trata mais de atender um aluno com necessidades especiais. É o momento de abandonar

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

as imagens em torno do professor ouvinte enquanto padrão de normalidade a ser seguido. Estamos a caminho da formação de uma sociedade educacional bilíngue onde os alunos surdos apreenderão os conteúdos em língua de sinais e através da mesma lhes será ensinada a Língua Portuguesa e esse ambiente expõe os professores numa direção sem volta de contato com a Libras oportunizando a reflexão e planejamento acerca dessa experiência.

O sucesso da inclusão do surdo na sociedade depende muito do êxito em sua vida escolar, e esse objetivo é defendido amplamente entre as comunidades surdas do Brasil e por estudiosos como Quadros (1997, 2004, 2006, 2011, 2017) através da divulgação de pesquisas na área da educação de surdos foi consolidado o entendimento que, para o aluno surdo, ensino deve mediado através da Língua de Sinais, considerada a língua de interação com os professores e seus pares, inclusive a Libras é sua língua de instrução juntamente com a língua portuguesa na modalidade escrita.

A Lei nº 10.436 de abril de 2002 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. A lei enfatiza a necessidade de que a Língua Brasileira de Sinais seja objeto de uso corrente nas comunidades surdas; procura assegurar a presença de profissionais intérpretes nos espaços formais e instituições, como na administração pública direta e indireta e a inclusão do ensino de libras nos cursos de formação de Educação Especial, Fonoaudiologia, Magistério e profissionais intérpretes, sendo optativo para o aluno e obrigatório para a instituição de ensino. Segundo a assessoria de imprensa do Ministério da Educação (MEC), a medida significa que o setor público deverá apoiar e difundir a libras.

Tais ações foram regulamentadas pelo Decreto nº. 5.626, de dezembro de 2005, apresentando inclusive cronograma elaborado a fim de que as instituições de ensino médio e superior incluam a disciplina de LIBRAS nos seus currículos, a contar da publicação do documento. Em até três anos, 20% dos cursos deverão oferecer a disciplina; em até cinco anos, 60%; em até sete anos, 80%; e em dez anos, 100% dos cursos de cada instituição deverão ter a disciplina no currículo. O processo de inclusão da LIBRAS como disciplina

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

curricular deve começar nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas. O decreto dispôs, ainda sobre a regulamentação acerca da formação do professor e do instrutor de LIBRAS, do uso e da difusão da LIBRAS e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, da formação do tradutor e intérprete, da garantia do direito à educação e à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva e do papel do poder público.

Embora muitos linguistas concordem com a afirmação de ser a língua um fato social, muito desconfortavelmente nos deparamos com a necessidade da existência de uma lei para que uma língua e seus falantes sejam respeitados em sua culturalidade e potencialidade. Nessa regulamentação percebemos a manifestação dos atos do poder que no passado se utilizavam dos mesmos mecanismos, como a religião, o saber instituído e a medicina para aprisionar as vozes do silêncio em círculos sociais estigmatizados imprimindo nos sujeitos surdos estereótipos de incapazes, anormais e deficientes.

O descaso e a indiferença sobre a necessidade educacional dos surdos os aprisionam no imaginário social dominante na Idade Média, quando o sentido da exclusão estava destinado ao mal enquanto erro ou defeito, aos insanos, aos deficientes, recriando em outro espaço o círculo sagrado em torno dos que deveriam ser punidos e apartados do convívio social e vivendo na História as experiências da Segregação, Exclusão (Foucault, 2002, p.113-114). Essas imagens só serão extirpadas da sociedade quando os surdos tiverem a oportunidade de apreender todos os conteúdos ensinados na escola, se não aprendem é porque inadequado é o ensino ofertado ao surdo e não o Surdo!

Todas as civilizações igualmente ricas e importantes. Independentemente de grupos que historicamente tentaram e tentam impor suposta “superioridade” de algumas culturas, povos e civilizações nos currículos das escolas, que por essa razão se tornam: colonizadas, racistas, classistas e imperialistas porque a todos/as obrigam e obrigaram a frequentar e esquecer suas raízes culturais e ancestrais impondo a cultura dos colonizadores (MASCARENHAS, SANTOS, NIVAGARA, JIMENEZ 2019, p. 200).

Essas estruturas imaginárias de segregação, exclusão resultaram na problemática educacional complexa e desafiante nos nossos dias, pois nenhuma

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

delas garantiu ao Surdo uma condição Sujeito capaz de articular e manipular bens culturais para própria emancipação. Até o fim do século XV, não havia escolas especializadas para surdos na Europa, pois devido ao preconceito generalizado os surdos foram excluídos da sociedade somente porque não falavam o que mostra que, para os ouvintes, o problema maior não era a surdez, propriamente dita, mas sim a falta de fala. Daquela época até hoje, muitos ouvintes ainda confundem a habilidade de falar com voz com a inteligência dessa pessoa;

“por meio da comunicação oral a criança vai recebendo informações sobre tudo... mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um código articulado de comunicação oral” (Machado, 2002, p.25)

A educação de surdos já passou por muitas práticas de ensino malsucedidas, como exemplo temos a perspectiva do oralismo que atuou através da educação e da medicina como uma forma de poder gerindo a vida e o potencial de um grupo minoritário, através medidas de controle da surdez enquanto deficiência, negligenciando assim o sujeito, sua língua e cultura. As propostas de ensino para surdos unilaterais criam situações de conflito entre surdos e ouvintes, criando um impasse que só acarreta prejuízos para os surdos, desta forma a identidade cultural dos surdos fica sendo negada no espaço escolar reproduzindo um rastro traumático de discursos normatizadores sobre a o problema da educação de surdos no âmbito da falta de audição, incapacidade e anormalidade. Hoje é possível perceber que é por meio sim da comunicação seja Oral ou Sinalizada que o indivíduo recebe informações, constrói herança cultural e pode ressignificar infinitamente seu mundo.

Apesar de todo preconceito, podemos citar na história pessoas ouvintes que desenvolveram métodos para ensinar os surdos, Pedro Ponce de Leon foi considerado o primeiro professor de surdo, em 1541, na Espanha ele utilizava além de sinais, treinamento da voz e leitura de lábios. É, também, de outro espanhol, Juan Carlos Bonet, o primeiro manual de educação de surdos intitulado “Redução das Letras e a Arte de Ensinar a Falar os Mudos” publicado

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

em 1619. Charles de L'Épée, nascido na França, criou os “Sinais Metódicos” que muito se aproximavam da língua francesa e, através deles, ensinava a língua falada e escrita do grupo socialmente majoritário. Criou também na França, a primeira instituição para educação de surdos, o “Instituto de Surdos-Mudos”, em 1760.

A partir desse histórico fazemos uma ponte sobre o Sujeito do Iluminismo de Hall (1997) para podemos perceber que os surdos foram objeto de estudo de ouvintes que, mesmo bem intencionados não questionavam em suas práticas o discurso hegemônico do grupo dominante de “fazer falar os mudos” objetivando os maiores benefícios a serviço dos interesses de uma hegemonia linguística e etnicamente dominante: aqueles que detinham o Poder da fala determinavam o Saber sobre os surdos prova disso foi o II Congresso Internacional sobre a instrução de surdos, realizado em Milão, em 1880, quando ouvintes reuniram-se sufocando a heterogeneidade linguística e minoritária até certo ponto garantida ao surdo nas escolas, e, a partir daquele encontro decidiram pela substituição do método combinado, que incluía sinais e oralismo, pelo método Oral puro, o Oralismo. Afastando das escolas professores surdos, desestimulando alunos, chegando ao ponto de amarrarem as mãos dos mesmos impedindo o uso de sinais.

As línguas de sinais sofreram quase um século de silenciamento até os anos de 1960 quando foram reconhecidas a partir da iniciativa do linguista norte americano William C. Stokoe que descreveu sistematicamente a língua de sinais dos surdos americanos e comprovou ser a mesma uma língua complexa como todas as outras a partir de então outros estudos em fonologia, morfologia e sintaxe deram suporte aos estudos de Stokoe. A partir de então os surdos do mundo se apoderaram desse discurso científico como mecanismo de poder como armas de contestação e exigências de mudanças na contra o poder, desestabilizando as proposições médicas dentro da prática educacional, no sentido de negação do já dito empreendendo assim movimentos em prol da educação na língua natural dos surdos e contra a exclusão nos diversos setores da sociedade.

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

Análises e diálogos

A partir dos contextos acima descritos analisamos situações em que algumas representações sociais impedem em alguns momentos a construção de um ambiente favorável à convivência de duas línguas de modalidades diferentes, a Língua Portuguesa de modalidade oral auditiva e a Libras de modalidade gestual visual. Na Escola Estadual inclusiva com salas bilíngues os surdos representam um grupo minoritário, a maioria filhos de pais ouvintes ainda estão no processo aquisição da Língua de Sinais, no entanto se reconhecem entre seus pares surdos, desenvolvem amizades e vínculos afetivos com a turma, conseguem questionar e esclarecer dúvidas com intérpretes e professores, enquanto que os alunos surdos incluídos na rede regular de ensino são considerados párias pelos colegas, além do atraso da aquisição da Libras sentem constrangimento em ser os únicos alunos sinalizantes na turma, não conseguem interagir com os colegas, tem dificuldade de desenvolver vínculos afetivos e relação de confiança com os intérpretes e professores.

Nas duas escolas quando toca a sirene de entrada, intervalo ou saída eles se orientam pela movimentação nos corredores dos demais alunos ouvintes. Embora haja intérprete nas salas de aula dificilmente as aulas são adaptadas para surdos com recursos visuais. Algumas provas e materiais didáticos são inapropriados para melhor compreensão dos conteúdos e a maioria dos funcionários da escola se comunica com surdos através de mímica e gestos variados obrigando os alunos surdos a uma adaptação forçada pelas circunstâncias.

Na escola com salas de aula bilíngue se acontece um problema nos aparelhos de climatização das turmas de ouvintes é sugerido que os surdos troquem de sala por constituírem menor quantidade de alunos. Demonstrando obscuramente a menos valia pelo aluno surdo e seu contexto de aprendizagem.

Nas duas escolas a identidade dos alunos surdos segundo o comportamento e rotina escolar não os caracteriza enquanto comunidade linguística, nos atos de fala informais e rotineiros (sem a presença do intérprete

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

que só atua fora de sala de aula em atividades oficiais da instituição) a Libras é confundida com gestos e mímica instaurando entre ouvintes e surdos uma comunicação ruidosa permeada de equívocos e traumas. Percebe-se que a comunicação fica sacrificada quanto à intenção do emissor da mensagem que, por não saber a língua de sinais se utiliza de outros recursos culminando algumas vezes de no ato da recepção o surdo sentir-se desvalorizado e interpretar aquele ato como uma atitude preconceituosa posto que se configurem atitudes rotineiras praticadas pela maioria dos ouvintes da comunidade escolar.

A parte administrativa e pedagógica da escola, não tem um conceito definido sobre o sujeito surdo referindo-se aos mesmos, hora como deficientes auditivos, surdo-mudo ou surdo, comunicam-se com os alunos surdos com mediação de intérpretes preferencialmente em sala de aula, e não demonstram interesse no aprendizado da Língua de Sinais. Ambos, professores e administração confessam ter vontade de contribuir para o sucesso do ensino e avaliação oferecidos aos mesmos, porém não há um espaço de planejamento diferenciado para o aluno surdo, capacitação ou diálogo contínuo para que esse objetivo seja alcançado, até mesmo porque entendem que há na escola uma clientela diversificada, cuja maioria é ouvinte, que acaba priorizando por ter que atender com os poucos recursos que possui.

Aqui entramos num dos temas que aborda a visão estereotipada sobre aspectos sociais e linguísticos da comunidade surda. A obra de Louis-Jean Calvet em seu livro Sociolinguística uma Introdução Crítica (2002) enumera o posicionamento de alguns linguistas quanto ao entendimento do conceito de comunidade linguística, diglossia e políticas linguísticas além de nos dar um panorama geral das contribuições dos estudos em Sociolinguística. O autor cita o conceito de Joshua Fishman quando ele amplia o conceito de diglossia e apresenta o termo

Diglossia sem bilinguismo onde em uma comunidade social há a divisão funcional de usos entre duas línguas citando o caso da Rússia czarista onde a nobreza falava francês e o povo russo.

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

Percebemos que esse conceito nos auxilia na compreensão do contato entre os surdos e ouvintes nesse contexto escolar. A funcionalidade da Língua de Sinais entre surdos e ouvintes se dá em sala de aula em apenas uma escola com salas de aula bilíngue na cidade de Porto Velho. Em Guajará-Mirim apenas o intérprete é realmente bilíngue, ou seja, domina dois códigos linguísticos e é capaz de recodificar sentenças de um código a outro, enquanto o aluno surdo além de não compreender sente-se constrangido de sinalizar em uma turma majoritária de ouvintes. Em algumas situações os intérpretes tentam ensinar aos surdos sinais relativos ao conteúdo que está sendo ministrado, porém muito conteúdo fica prejudicado pelo tempo demandado em estabelecer contato visual com o aluno surdo em meio aos colegas ouvintes e sem referência de um surdo adulto.

Nessas ocasiões raramente o professor possui algum conhecimento acerca da aquisição da linguagem de modo a desenvolver uma atitude de solidariedade com o aluno surdo e coparticipação no processo de tradução e interpretação e ensino da Libras para o aluno surdo na escola regular.

Nas salas de aula bilíngue os alunos acompanham o intérprete, foi percebido que falta interação entre professores e intérpretes interagindo através de exemplos ou parafraseando conceitos para facilitar otimizar o trabalho de tradução e interpretação.

Nas atividades fora da sala de aula e na ausência do intérprete qualquer forma de comunicação é utilizada. Colocando os ouvintes em atitudes que presentificam o poder, sendo os mesmos a maioria, entendem que a comunicação é necessidade dos surdos, submetendo-os à condição de aceitação dos limites impostos pelos ouvintes já que os surdos a Língua Portuguesa são superficialmente conhecida na modalidade escrita.

Através da diglossia podemos teorizar também o desnivelamento de poder entre os falantes das duas Línguas. Em muitas comunidades linguísticas, sabemos da existência de preferência de uma variável em detrimento de outra por contextos sociais, familiares ou mesmo políticos. Mas no caso da Libras

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

percebemos uma postura Colonialista no sentido de impor ao sujeito surdo uma comunicação que reserva a sua Língua e cultura o desprestígio social e político.

Nesse caso o bilinguismo é perceptivo na atuação do intérprete frente às atividades escolares reduzindo a expectativa de construção de sujeitos surdos e ouvintes bilíngues. Percebemos a carência de uma política linguística no sistema educacional que introduza na escola um redimensionamento da visão em torno dos alunos que ainda não sabem a Língua de Sinais e dos profissionais no sentido de sensibilizá-los de que é dever da escola acolher e prosseguir em etapas de adaptação para o atendimento do aluno surdo não o contrário.

O surdo é colocado num contexto isolado com relação à diversidade escolar, como se ser surdo representasse toda extensão de sua existência, e suas necessidades estariam remediadas simplesmente pela presença de um intérprete. A escola não percebe na pessoa surda outras representações sociais como o surdo negro, surdo obeso, surdo deficiente físico, surdo homossexual ou surdos que carregam em sua experiência marcas sobrepostas da exclusão social por ser surdo, negro e pobre.

Que este aluno precisa além da sala de aula de um ambiente que oportunize que essas questões possam fluir naturalmente favorecendo a constituição de sua identidade. A Língua de Sinais é o principal elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, é através da Libras que o mundo se transforma em signo pela associação de significantes visuais e não sonoros como nós ouvintes no alcance dos significados.

A Potencialidade do desenvolvimento de estruturas, formas, funções cognitivas visuais... Capacidades surdas não podem ser entendidas somente em relação ao sistema linguístico próprio da LSB. A surdez é uma experiência visual e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação e todas as formas de compreender o universo em seu entorno se constroem como experiência visual. Não é possível aceitar de forma alguma o visual da língua de sinais e disciplinar a mente e o corpo das crianças surdas como sujeitos que vivem uma experiência auditiva. Neste sentido as questões didáticas, as questões do conhecimento etc. devem ser construídas. (SKLIAR, 2011, p. 32).

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

A língua de Sinais é um instrumento de comunicação que eleva o surdo a condição de sujeito social. A função do intérprete é muito importante, mas fundamental é que o sujeito surdo esteja imerso num ambiente linguístico e cultural específico para que ele se expresse na sua dimensão humana e humanizadora em todos os setores da escola e não restrito a sala de aula.

Para Calvet, (2002) o indivíduo provavelmente é um dos lugares de contato entre as línguas, surgindo daí o bilinguismo ou aquisição de uma segunda língua, então nosso interesse na educação de surdos como espaço onde a relação entre indivíduos falantes de línguas diferentes (sendo o português de modalidade oral auditiva e a Libras gesto-visual) estão integrados, como é o caso dos surdos num processo educacional em sala de aula na Escola Bilíngue para Surdos.

Percebemos nessa escola um ambiente favorável de formação para sujeitos bilíngues, surdos aprendendo português como segundo língua na modalidade escrita e ouvintes aceitando a ideia de que precisam tornar-se fluentes na língua pelo contato constante com surdos e pela política de implantação de um ambiente bilíngue em todas as atividades rotineiras e espaços da escola.

No livro *Conversa com Linguistas*, (Antônio Carlos Xavier, 2005) apresenta várias definições sobre o que é Língua, alguns linguistas a entendem como sistema de signos, outros como produto social e histórico, mas todos concordam que a linguagem é um campo muito mais vasto de construções sociais, históricas e singulares e que é na linguagem que a língua se constitui em meio às relações sociais e que ela contribui na constituição do ser como sujeito. Se a linguagem possibilita a codificação do mundo exterior e interior, uma das suas funções é representar a realidade, toda experiência humana é expressa ou transmitida por meios de sinais linguísticos que não se identificam de maneira real com o objeto ou coisa, mas são representações simbólicas deles.

Os alunos precisam ter sua realidade escolar dominada pela linguagem enquanto materialização de suas lutas, conquistas e perdas. Na escola com salas de aula Bilíngue para surdos existem alunos ouvintes que têm irmãos

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

surdos, fator necessário para o fortalecimento do bilinguismo do surdo no contexto familiar e visualizamos nesses alunos uma forma espontânea de comunicação com alunos surdos.

O poder nesse contexto é negociado entre os falantes que priorizam prestigiar a Libras enquanto instrumento de comunicação no entendimento que nas trocas culturais entre ouvintes e surdos os poderes sempre foram desiguais daí a postura de tentar promover ao aluno surdo o melhor ambiente para que a competição na vida escolar não seja entre ouvintes e surdos, mas entre alunos que recebem uma formação bilíngue e multicultural e intercultural. Nesse ambiente de aulas bilíngue os alunos surdos se expressam enquanto pertencentes a grupos culturais e classes sociais diversificadas proporcionando uma riqueza de trocas simbólicas.

O Multiculturalismo inscreve-se nessa perspectiva heterogênea na qual se questiona a hegemonia do grupo étnico dominante e se reserva lugar à expressão das culturas minoritárias para que finalmente se promova a igualdade real de oportunidades. (MACHADO, 2002, p.34).

Com respeito à educação bilíngue, na prática, não bastaria a presença de alguém em sala de aula ou na escola que soubesse LIBRAS, sendo necessário também que essa língua fosse respeitada, e presente e que circulasse no espaço escolar no diálogo entre professores surdos e ouvintes, direção pedagógica e administrativa, possibilitando assim, a construção do conhecimento (LACERDA, 2009), havendo necessidade de que outros profissionais da escola tais como: professores bilíngues, psicólogos, orientadores, supervisores, também soubessem a língua de sinais para comunicar-se com os alunos Surdos, independentes de intérpretes.

Além das crianças surdas possuírem a potencialidade de aquisição da língua de sinal elas têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares e de construírem estratégias de identificação no marco de um processo sócio-histórico não fragmentado, nem cerceado. Refiro-me a uma política de identidades surdas, onde questões ligadas à raça, à etnia, ao gênero etc. sejam também entendidas como “identidades surdas” identidades que são necessariamente híbridas e estão em processo de transição (SKIAR, 2011, p.30).

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

No processo de alfabetização foi constatado que a presença de um professor Surdo é de fundamental importância não só linguística, mas cultural, social e emocionalmente. A relação dos alunos surdos com um surdo adulto é que vai aumentar a autoestima dos surdos em relação à sua língua e cultura em relação com o outro que também é surdo.

A maioria dos surdos cresce num universo híbrido e o convívio com adultos surdos favorece o amadurecimento dessa percepção gerando assim trocas de experiências e fortalecimento mútuo no sentido de eles desenvolverem na comunidade a solidariedade e a responsabilidade pela garantia do espaço do surdo na sociedade.

Considerações finais

Na escola inclusiva com salas bilíngues os professores já sentem uma necessidade maior de aprender a língua de sinais, de buscar compreender o universo que permeia a cultura surda enquanto na escola com salas de aula regulares os professores demonstram pouca empatia pelo aluno surdo e não planejam aprender a língua de sinais. A pesquisa revelou que o sentimento de inclusão na perspectiva dos acadêmicos surdos é uma meta não atingida na vida dos alunos, pois os surdos em sua maioria são filhos de pais ouvintes que não sabem LIBRAS fato que acarreta atraso de aquisição da Língua de Sinais. Esse fato sobrecarrega tanto o Intérprete quanto o professor (não fluentes em LIBRAS), que para realizar suas atribuições utilizam o tempo da aula para ensinar os sinais e explicar seus respectivos conceitos. Nas salas de aula bilingue a Libras é a língua de interação, instrução e comunicação utilizada por professores surdos e ouvintes, já na educação inclusiva há carência de valorização não apenas da LIBRAS, mas principalmente do sujeito Surdo tendo em vista que existe o aluno surdos e a ausência do professor surdo.

É importante fazermos uma reflexão sobre a questão Multicultural e a problemática das pessoas Surdas, e a partir de aí perceber a influência em determinados contextos da temporalidade, posto que as identidades são múltiplas e decorrentes do momento vivido pelos sujeitos sociais. Daí a importância de uma política linguística e educacional estar direcionada com o

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

objetivo de assegurar ao aluno surdo um ambiente linguisticamente confortável e culturalmente constituído por vínculos abertos ao multiculturalismo.

Através desta proposta as escolas poderiam então encaminhar seus projetos dialogando e proporcionando planos de atividades que visem envolver toda a comunidade escolar no sentido de os ouvintes enquanto grupo hegemônico ceder aos surdos e à comunidade surda espaço de convivência e de atividades fixas dentro da escola como o objetivo de amadurecer em surdos e ouvintes percepções acerca de ajustes necessários para que o aluno se sinta acolhido no recinto escolar.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 abr. de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 dez. 2005. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 de dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL. Lei n. 11.796, de 29 de outubro de 2008. Institui o Dia Nacional dos Surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 de outubro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11796.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL. Lei n. 12.319, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Diário Oficial da União, Brasília**, 1º de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

BRASIL. Lei n. 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei n. 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 3 de agosto de 2021. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm>. Acesso em: 14 jul. 2022.

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola, 2002.

ELIA, Sílvio, **Sociolinguística**. Uma Introdução. Rio de Janeiro: Padrão, Niterói: Universidade Federal Fluminense/EDUFF/PROED, 1987.

FOUCAULT, Michel. **A História Da Loucura**: Perspectiva, São Paulo, 1999.

GÓES, Maria Cecília Rafael. **Linguagem, Surdez E Educação**. Autores associados, Campinas, 1996.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed. 2000.

MACHADO, Cristina Gomes: **Multiculturalismo: muito além da riqueza e da diferença**, Rio de Janeiro 2002, DP&A.

MASCARENHAS, Suely A. do N. Santos, Zuíla Guimarães Cova dos. Nivagara, Daniel; Jiménez, Adrián Cuevas. **Representações de universitários sobre valorização das culturas das civilizações** Revista Culturas & Fronteiras-Volume 1. Edição Especial-Setembro/2019 Grupo de Estudos Interdisciplinares das Fronteiras Amazônicas -GEIFA /UNIR Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/index/user> visitado em 15/06/2023.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade Da Educação Bilíngüe Para Surdos: interfaces entre pedagogia e linguística**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, Carlos (Org.) **Atualidade da educação bilíngüe para Surdos: processos e projetos pedagógicos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ª Ed. Porto Alegre: Mediação 2011.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artes Médicas. 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

A FRONTEIRA ENTRE O BILINGUISMO E A INCLUSÃO: UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTA NO ATENDIMENTO AOS SURDOS EM ESCOLA PÚBLICA DE GUAJARÁ-MIRIM E PORTO VELHO

QUADROS, Ronice Müller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de sinais:** instrumento de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de Herança:** Língua Brasileira de Sinais. Porto Alegre: Editora Penso, 2017.

XAVIER, Antônio Carlos. CORTEZ, Suzana. **CONVERSA COM LINGUISTAS:** virtudes e controvérsias da linguística. Rio de Janeiro: Parábola, 2005.